

Desafios sincrônicos da arte tradutória: o caso de *LATINOGRAMAS - EXTRADUÇÕES*, de Augusto de Campos

Brunno Vinicius Gonçalves Vieira*

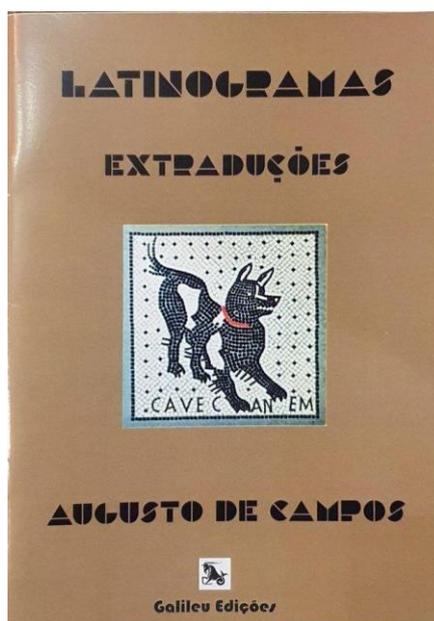
A recusa nunca foi um problema aos poetas de Roma. Era, e sempre foi, solução. Catulo, Horácio, Propércio, Marcial, Ausônio, cada um em sua época e à sua maneira, recusaram, em algum momento ou sempre, poesia útil. Afinal a palavra *non* é um anagrama que sempre lhes cai bem. A vivência do vocábulo, do *uerbum*, que Saussure estabeleceria como significante, está na base da poesia antiga. O aparelho retórico, com sua prosa burilada, serviu muito bem às palavras (*uerba*), até que de subserviente passou a totalitário dominador. Quem conquista, domina os sentidos e isso importa.

Mas os poetas antigos falam também anagramaticamente, como Saussure intuiria, pensando, ou se sujeitando, sobretudo, no som, na capilaridade diminuta do som, pronunciado em unidades múltiplas sequenciais que um *fabro* é capaz de (pluri)ressignificar. Abordar poesia pelo conteúdo, pelo assunto (*res*), instituiu-se por necessário, porque o discípulo tem que dizer o que entendeu ao mestre. Porque o produtor presta contas a seu consumidor (e todos ao sistema). No entanto, a poesia, aquela que se quer artifício do significante, persiste onde o poeta (*vates*) restou insubmisso ao império da utilidade, que vem de fora e, quase sempre, de cima. Isso porque resiste o valor de se dizer artisticamente mais, como ensina Pound (*Dichten = Condensare* (1970, p. 40, Trad. A. de Campos e J. P. Paes), a partir da menor unidade distintiva/significativa, a partir do mínimo som - Ulisses está sempre além. Essa resistência é uma sonora recusa.

* UNESP

Dito isso, Augusto é muito romano. Seu artifício teima em não se sujeitar somente ao *subject* dado, e sim à construção do aleatório incontrolável dos dados. César, conquistador, quando caiu de cara no chão da Gália, disse *iacta alea est*, segundo Suetônio (*Diuus Iulius*, 33). Os dados já tinham sido há muito lançados. As extraduições dos *LATINOGRAMAS* de Augusto de Campos, que nos propomos a resenhar aqui, testemunham o pertencimento de Augusto a Roma e vice-versa nesta sincronia em que falamos.

LATINOGRAMAS seria um neologismo por derivação imprópria, mesclando o gentílico *latino* com o termo grego *gramma* que contém a ambiguidade, importante aqui, de “figura (algo que se desenha)” ou “letra”. O cão da Casa do poeta trágico, conhecido mosaico de Pompeia, que aparece na capa do livro, não nos deixa esquecer, CUIDADO!, a versatilidade dos *grammata*. Esse penhor da letra desenhada é tanto mais importante, porque Augusto divide com o editor a produção do livro.



O termo *extraduições* foi cunhado pelo próprio Augusto no prefácio ao livro *Outro* lançado em 2015, partindo do contexto musical em que seria “[OUTRO] uma palavra-valise que sai do ‘in’ para o ‘out’, revertendo o sentido de INTRO. E que indica a diferente performance de uma faixa

anterior ou algum outro ‘bônus’ - um ‘extro’. Outro outro. Outradução, extradução?” (2015, p. 10). Desse modo, o livreto em formato canoa de 28 páginas, manufaturado um tanto artesanalmente por Jardel Dias Cavalcanti, da Galileu Edições (Londrina), é um extra do poeta depois de *Outro*, livro em que foram publicadas três intraduições de Catulo, uma delas “odiamante” é tão extra no volume dos *LATINOGRAMAS* que ocupa a quarta capa.

Como ocorre a pensadores mais arejados, o conceito pode se renovar (*day by day make it new*). O conceito de intradução, convive também com o de extradução. Aquele, por exemplo, já tinha sido empregado, referindo-se ao provençal *Bernart de Ventadorn* (cf. 1988 em folha dupla em prisco exercício com a produtiva Letraset), nesse período, com a ideia de não-tradução, já que se trata de um poema que intercala original e tradução na mesma linha. Lembrando das propositivas palavras do prefácio a *Verso reverso controverso*: “Tradução para mim é *persona*. Quase heterônimo. Entrar dentro da pele do fingidor para refingir tudo de novo, dor por dor, som por som, cor por cor” (1988, p. 7).

Poemas de Catulo, Horácio, Propércio, Marcial e Ausônio, nesta ordem cronológica, estão estampados em páginas espelho, sendo a da esquerda com o texto latino e a da direita com a extradução, ao que parece em fonte **Arial Narrow Bold**.

Começemos por Catulo, único poeta contemplado com traduções de visualidade mais concreta em Catulo 51 (p. 5, P&B) e 85 (p. 9, Impressão cromática), além de *odiamante* da quarta capa, que é, digamos, extravessão deste último. Em se tratando de sincronia, Catulo sempre foi muito caro aos Campos. Haroldo transcreveu 20 poemas, publicados em *Crisantempo* (1998), citando Pound em nota *Catullus, Horatius, Propertius and Ovid are the people who matter. Catullus most. (apud CAMPOS, 1998, p. 360)*. Esta proposição poundiana, como se percebe, serve para metade do presente volume. Augusto havia publicado em 2006, em *Tradução em revista* da PUC-Rio, dois destes poemas 51 e 58, portanto estava mexendo com isso desde meados da primeira década de XXI (convidamos o leitor a consultar o número 6 entre os arquivos deste periódico), tendo publicado a primeira versão visual do poema 51 em *OUTRO* (2015).

Destaco entre os *LATINOGRAMAS* a nova versão de 51 que também é visual, mas, até este novo livro, inédita. Sabemos que o poema é tradução

de Safo (Fr. 31 Voigt). Tradução dentro da tradução. Catulo é um tradutor que, na pele de uma predecessora, assume a *persona* criadora, que, por sua vez ou sincronicamente, é assumida por Augusto. Vale destacar dois pontos relevantes desta nova versão: 1) a condensação que exclui o termo “miserô” depois de “quem sorrindo me tira”, contribuindo para uma espécie de pirâmide visual como na projeção de legendas em um filme, que neste poema diminui textualmente o rival no passado e destaca o branco da noite dos olhos do presente de quem lê; 2) a escolha de uma fonte que lembra olhos, mas também a reverberação circular de gotas de água caídas em negro espelho d'água, remetendo-nos àquela espécie de suplício chamado “tortura chinesa”, que é o sentimento do poeta diante da amada. Com tais novidades, o poema se revê e revive no presente com a intensidade nova da visualização que destaca o momento da leitura.

De Horácio, Augusto republica a ode XI - Livro I, “não me perguntes (é vedado saber)”, que veio à luz primeiramente na revista *Código* em 1985, uma de suas traduções latinas mais populares, exemplarmente analisada por Achcar (1994, p. 120-5). Figura em *LATINOGRAMAS* também a inédita versão da XXXI - Livro I, “o que demanda ao deus erguendo a taça”, único dos três *carmina* traduzidos por Pound (junto com a 1.11 e 3.30, cf. POUND, 1963, p. 406-7) que Haroldo deixara intocado, e cujo conteúdo é uma recusa da riqueza em favor de uma vida longa, e produtiva.

Depois vem Propércio. ELEGIA XI - LIVRO II (erroneamente identificado como do livro I). Ele está representado por um dos breves ou mais fragmentários (cf. PROPÉRCIO, 2014, p. 357, ed. G. G. Flores) poemas dentre as *Elegias*, contando ao todo três dísticos elegíacos (6 versos), e dois epigramas de Marcial, de temática metaliterária, também diminutos. Se quanto a Marcial preciso convidar os leitores a ler para crer (infelizmente não posso me alongar mais, pois é uma resenha...), sobre Propércio, não posso tudo calar.

Pound tinha uma predileção inegável por esse poeta, que, reinventado em *Homage to Sextus Propertius*, testemunha uma das *personae* poundianas. O poeta americano recria a elegia 2.10 que é uma *recusatio*, para ele “Eu também cantarei a guerra quando o assunto da garota esgotar/ com meu bico atirado ao chão procederá de maneira mais majestosa,/ minha musa está ansiosa por instruir-me em uma nova gama de temas” (Tradução

de Jéssica R. Mattus)¹. Essa 2.11, que vem na sequência do recorte poundiano, já denota uma reviravolta no amor, na qual fica patente desta vez a recusa da douda Cíntia ao poeta. É uma tradução artificiosa em que um andamento deca/dodecassilábico se imiscui com verso mais livre que tenta responder ao sabor da logopeia do texto latino. A versão de Augusto termina com um sensível achado na extradição de *docta* (termo chave no universo elegíaco) por "refinada", que parece corporificar o pó da amada, fim de todo vivente: "Ninguém dirá: - Este pó foi uma jovem refinada" (p. 15), fechando a rima com o "tudo é nada" do primeiro verso, e agora Roberto S.?

Ausônio fecha a coletânea em quatro epigramas extraduzidos. Uma grata surpresa desde "Eco de Ausonius" (versão do epigrama 32, *In Echo pictam*, "contra Eco representada pictoricamente", cf. AUSONIUS, 1921, p. 174), presente em VIVAVAIA (2007 [1979], p.219), na primeira coletânea de intradições publicada, entre Edward Fitzgerald e William Blake.

Apesar de infelizmente esse Eco não ter voltado à tona em *LATINOGRAMAS*, é possível atentar o quanto essa primeira série traz para a conversa poetas afins ao modo verbivocovisual, e como Ausônio, *last but not least* último poeta do livreto, merece protagonismo entre os latinos.

Ausônio, no tardio florescer de sua obra (séc. IV d.C.), parece poder figurar como um antecessor de jogos poéticos caros aos Noigandres, quer pelas combinações mais ou menos aleatórias de seus Centões (poemas feitos a partir de colagens hemistíquios de versos alheios) no dizer de Gouvêa Júnior (2011), "um quebra-cabeça literário" (cf. *Ostomachion*), quer pela centralidade da letra e da espacialidade em seus poemas (cf. *Technopaegnion*, SANTOS JÚNIOR, 2021), quer ainda por escrever em grego e latim imitações, que se encaixariam bem à ideia de reinvenções de epigramas da tradição (cf. OLIVA NETO, 2010 e AMARANTE, 2021).

Dessa amostra de quatro epigramas, três deles epitáfios, dentre aqueles *Epitaphia heroum qui bello troico interfuerunt* e um deles do livro *Epigrammata*, destaco a primeira extradição ausônica, o epigrama dedicado a Aquiles que bem demonstra as afinidades eletivas que trouxeram Ausônio

¹ And I also will sing war when this matter of a girl is exhausted./ I with my beak hauled ashore would proceed in a more stately manner./ My Muse is eager to instruct me in a new gamut [...]. Cf. MATTUS, 2017, p. 97-9).

ao paideuma de Augusto e que podem mostrar o quanto um fragmento mínimo pode abrigar um *corpus* colossal.

Um solo é pouco para Aquiles: ossos
 Sepultos no litoral de Ligéia; cabelos
 Cremados em Larissa. Pedacos
 Num túmulo.....uma frota.....
 Mas pelo mundo inteiro.....

A seleção sempre enxuta que Augusto faz em suas investidas sincrônicas no passado “nunca me propus a traduzir tudo. Só aquilo que sinto. Só aquilo que minto. (CAMPOS, 1988, p. 8), ganha relevo aqui em um poema acidentalmente fragmentário. É como se as lacunas do poema espalhassem o magnânimo corpo do herói pelo mundo inteiro. É como se o estado a que nos chegou o poema contribuísse para sua magnitude. Ao quebrar a sintaxe enfatizando os cavalgamentos nos primeiros três versos incidindo sobre as partes do corpo espalhadas (“ossos”, “cabelos”, “pedacos”), há uma ênfase na fragmentação logopaica que propõe equiparar-se à fragmentação dos dois últimos versos em que as palavras soltas (“túmulo”, “frota” e “mundo”) vêm finalizadas pelo adjetivo inteiro, que expressa justamente o contrário do que Ausônio queria, ao representar a amplificação do herói pelo desdobramento geográfico de seus restos mortais. O estado atual do poema é o que se dá a traduzir, e sua situação filológica se assemelha a espacializações tão caras a Augusto, assim Aquiles de Ausônio, rasurado e lacunar, se transforma naturalmente em um poema verbivocovisual.

Referências bibliográficas

- ACHCAR, F. **Lírica e lugar comum**: alguns temas de Horácio e sua presença em português. São Paulo: Edusp, 1994.
- AMARANTE, J. A recriação, o retorno e o eterno novo: epigramas ausonianos em português. **Classica**, v. 34, n. 1, 2021, p. 85-107.
- AUSONIUS. **Epigrams on various matters**. Trans. H. G. Evelyn-White. Cambridge: CUP, 1921.

- CAMPOS, A. de. Novos latinos: recriações de Augusto de Campos. **Tradução em revista**, Fasc. 3, 2007, 1-5. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_trad.php?strSecao=article_sp&fas=27136&numfas=11&nrseqcon=9354&NrSecao=11>. Acesso em: 15 nov 2021.
- CAMPOS, A. de. **OUTRO**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- CAMPOS, A. de. **Verso reverso controverso**. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- CAMPOS, A. de **VIVAVAIA**: poesia 1949-1979. São Paulo: Ateliê, 2007.
- CAMPOS, H. **Crisantempo**: no espaço curvo nasce um. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- MATTUS, J. R. **As homenagens de Pound e Faustino a Sextus Propertius: tradição clássica e tradução criativa**. 137f. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários. UNESP-Araraquara, 2017.
- OLIVA NETO, J. A. Minha guirlanda de poemas: 31 traduções inéditas. **Organon**, Porto Alegre, no. 49, julho-dezembro, 2010, p. 259-72.
- POUND, E. **ABC da literatura**. Tradução de A. de Campos e J. P. Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.
- PROPÉRCIO, S. **Elegias**. Organização e Tradução de Guilherme Gontijo Flores. São Paulo: Autêntica Editora, 2014
- POUND, E. **Translations**. Ed. e Intr. de Hugh Kenner. New York: New Directions, 1963.
- SANTOS JÚNIOR, C. J. dos *TECHNOPAIGNION* de Décimo Magno Ausonio entre traduções. **Rónai**, v. 9, n. 1, 2021, p. 141-166.
- STAROBINSKI, J. **As palavras sob as palavras**: ou anagramas de Ferdinand de Saussure. Tradução de C. Vogt. São Paulo: Perspectiva, 1974.

